

A ÉTICA DA PSICANÁLISE. ENTRE A INTENÇÃO E A EXTENSÃO

Agradeço "Convergencia. Movimento Lacaniano pela Psicanálise Freudiana", por este novo convite a pensar juntos a psicanálise, à Escola Freud Lacan de La Plata por quase 19 anos de trabalho psicanalítico; e aos meus companheiros: Lucía Pose, Alejandro Pignato e Marcelo Edwards por el percurso juntos que produziu em mim algumas questões que tentarei abordar neste texto.

Primeira pergunta: Por que a psicanálise, apesar de ser um discurso muito resistente, sobreviveu aos ataques a que foi submetida desde sua invenção, em 1895, e até hoje?

Por que, apesar da vasta oferta de procedimentos terapêuticos baseados em doutrinas científicas, psicológicas, religiosas ou mesmo mágicas, a psicanálise persiste, permanece válida e eficaz?

Por fim, uma reedição da questão que Lacan coloca no auge do seminário 11: O que faz alguém decidir realizar uma análise?; De que forma, como forjar esse desejo de analisar os outros?

Estas questões levam-nos à questão da formação de analistas; E digo pergunta porque entendo que é preciso manter essa questão em aberto, que a formação dos analistas não cai num imperativo, mas numa questão que faz os fundamentos da própria psicanálise.

Em nossas conversas realizadas durante esse período com meus colegas do grupo, surgiu a questão de por que os analistas precisam se reunir, debater, dialogar, questionar, refletir sobre o que fazemos nas clínicas?, "interlocutar" sobre nossa prática clínica; base a partir da qual se inicia qualquer questionamento teórico.

Lemos, estudamos, investigamos, porque partimos do fato de que a teoria da psicanálise não é um dogma; nem as associações analíticas paroquiais – embora sejam habitualmente assim chamadas.

A formação de analistas é um produto gestado no tripé freudiano e que está "ligado" à instituição analítica. O tripé freudiano continua a ser a base ética da formação de analistas; Não porque seja a coisa certa a fazer, mas porque é necessário.

Os aqui reunidos sabem, por terem passado pela experiência, a importância do lugar do outro na nossa formação como analistas... se não, neste momento, estaríamos andando por Barcelona.

Aqueles “alguns otros” perante os quais um analista é autorizado, não são qualquer um. São outros que passaram pela experiência de uma análise; que encontraram o limite que a castração imprime, que fizeram um trabalho com ele... E isso possibilita um modo de lazo social inédito e que se sustenta no desejo de agente..

A análise do analista.

Uma análise é o que se espera de um psicanalista, disse Lacan, e liga, dessa forma, a experiência clínica à formação. É a partir do trabalho analítico que um sujeito é advertido de sua divisão e da impossibilidade que o real imprime na existência humana. É na análise que cada um, diante do real, encontra o seu saber-fazer com o "sem sentido da vida".

E é na análise que se forja esse desejo sem precedentes, que é o desejo do analista, operador lógico da cura psicanalítica. Esse desejo emerge e é relançado na análise do analista. Não há outro caminho. Sem esse operador lógico na função, não há psicanálise.

A análise do analista é uma condição necessária, mas não suficiente.

Tanto Freud quanto Lacan alertaram sobre isso, promoveram os encontros de analistas, ressaltaram a importância do lugar do outro é a nossa formação. Foi por isso que fundaram instituições; Eles enfatizaram essa questão, o vínculo social entre os analistas.

A história do movimento psicanalítico atesta as dificuldades ou "resistências" que tiveram de ser enfrentadas na tentativa de enquadrar a formação de analistas em diferentes formas institucionais. A psicanálise resiste à institucionalização, diz-nos Safouan, mas constitui, no entanto, Rompe com o bom senso, promove o movimento.

Na "Proposição de 9 de outubro de 1967", Lacan refere-se à formação de analistas como uma comunidade de experiência; que é afetado pelo real. Qual é a verdadeira participação na formação de analistas? O que isso tem a ver com a ética da psicanálise?

Intitulei assim o meu trabalho: "A Ética da Psicanálise. Entre a intenção e a extensão", porque entendo que é nesse "entre" que poderíamos localizar o tormento que liga a ética: entre o que é produzido na análise, -na intenção- e o que é transmitido na extensão, num feedback permanente.

Aí reside a ética da psicanálise, que se aplica tanto à intenção quanto à extensão. Uma ética que coloca a castração no centro da questão como a lógica de Nem Todos; ou seja, aquele ponto de impossibilidade que é lei para todos.

Onde outros discursos iludiram que tudo é possível - "Just do it" - o discurso da psicanálise vem dizer que há um limite. O limite, a falta, relança o movimento desejante.

Não é por acaso que a Convergência é um "Movimento", um movimento moebiano onde a convergência está ligada à divergência; ; o partilhado e o singular.

O importante é sustentar o movimento. E essa tarefa não é isenta de desconforto, sem dificuldades.

Manter viva a psicanálise é um trabalho que requer um interrogatório permanente, implica localizar o sintoma e lê-lo. Se colocarmos o problema do lado de fora e dos outros; Resta pouco a fazer.

No entanto, se colocarmos a ênfase no vínculo social entre analistas, na investigação e transmissão das questões cruciais da psicanálise; se aceitamos a responsabilidade que diz respeito a cada um de nós em relação à psicanálise e sua transmissão; então vislumbraremos um futuro, novos caminhos a percorrer.

CLAUDIA LUJAN

MAIO DE 2023